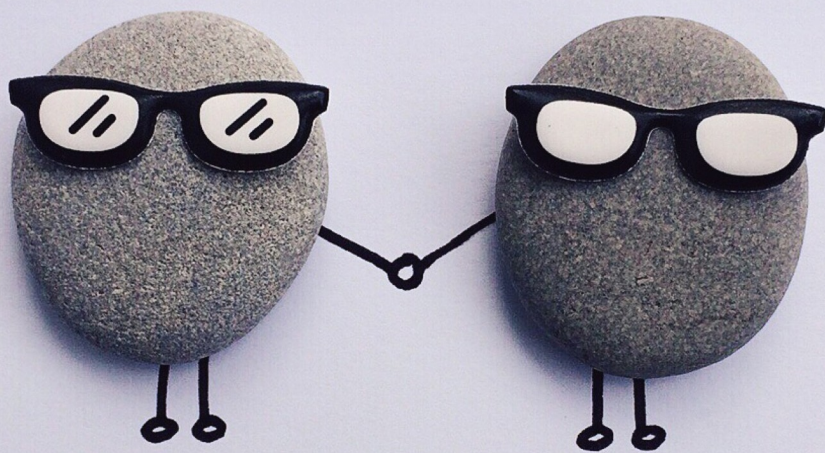


moa sipriano

JOÃO & JOÃO



JOÃO & JOÃO

Moa Sipriano

O pequeno Carlos brincava despreocupado na varanda de sua casa. Passava horas a montar e desmontar coloridas peças plásticas de formatos variados, criando mundos imaginários repletos de complexas naves espaciais, imponentes barcos piratas e delicadas casinhas envoltas em cercados de madeira.

De tempos em tempos, Brito vigiava o garoto a certa distância, sem atrapalhar seu gênio em miniatura. Apreciava a criatividade do filho e sua capacidade de manter o foco em todos os detalhes das suas criativas produções.

“Puxou ao pai”, ele meditava, sem disfarçar o orgulho.

“Eu restauro. Meu filho cria. Meu marido administra. Que privilégio poder desfrutar de tantas bênçãos!”, Brito meditava, agradecendo ao Deus verdadeiro pela bonança.

Brito aproveitava os raros momentos de descanso em sua casa na Ilha Comprida para compartilhar cem por cento do seu tempo com o filho e o marido, já que durante quase nove meses do ano ele era incessantemente requisitado como consultor na complicada tarefa de coordenar uma equipe de fantásticos restauradores de obras sacras que viajava por todos os cantos do país.

Setembro era sagrado. Brito mantinha a tradição pessoal de dedicar o nono mês para sua hibernação profissional. Permanecia disponível sem restrições ao filhote, que aos dez anos já se acostumara com a ausência necessária do primeiro pai durante intermináveis semanas. Agora era hora de atenção, carinho e mimos. A união aproveitada ao máximo.

Cora, fiel companheira do lar e amiga de Brito há anos, estava na cozinha preparando saladas suculentas devidamente temperadas com suas ervas aromáticas que eram cultivadas num bem cuidado pedaço de terra localizado nos fundos da casa.

O cardápio do dia incluía filés grelhados de Dourado, temperados com sal marinho, gotas de limão-galego, tiras de pimentas adocicadas e outras especiarias mágicas que eram mantidas como verdadeiros segredos de Estado.

O peixe fora pescado e trazido por Igor nas primeiras horas daquela manhã. Ele movia um mundo pela atenção daquela mulher.

Toda quarta-feira era dia de peixe. E de um rápido encontro. Um simples olhar de Cora era suficiente para iluminar a semana do atarracado e sensível velho pescador de Pedrinhas.

Sentir a fragrância suave emanada por aquele sólido corpo feminino era a glória suprema para aquele homem solitário. Todo mundo sabia que ele mantinha esperanças secretas de algo mais profundo e duradouro com a morena senhora de poucas palavras.

O Idea prata refletia o brilho do sol sobre o capô encerado ao estacionar em frente à casa rústica de madeira e vidro naquela manhã tranquila. Brito não notara a presença do veículo de imediato, pois estava entretido com a configuração nada amigável do seu novo celular.

Já Carlos, sempre atento, despertou de suas brincadeiras, levantando-se de um salto, a fim de saciar sua curiosidade natural.

O homem abriu a porta e desceu do carro com visível dificuldade, pois sua perna esquerda estava levemente estropiada, resultado de uma infrutífera partida de futebol com os colegas de trabalho, três dias atrás.

Ele fechou o Fiat que gritava por uma revisão e ajustou melhor os novos óculos para acertar o foco da vista cansada. Deu a volta no carro, postando-se em frente ao portão, disfarçando ao máximo a tensão, sem saber como reagir. Aguardou.

O menino saiu em disparada na direção do estranho. Brito levantou a cabeça e antes mesmo de tentar qualquer reprimenda ao garoto, a visão daquela figura espectral em seu portão mágico despertou-lhe recordações que julgava esquecidas. Porém, no íntimo, ele sabia que esse reencontro tinha que acontecer um dia.

Brito massageou as pálpebras com as costas das mãos. Levantou-se, indeciso, largando manual, cabos e cartões de memória espalhados pelo chão.

Olhares embaraçosos foram trocados à distância.

Ofegante, o pequeno Carlos abriu o portão para João. O homem permaneceu imóvel diante da criança, admirando-lhe a beleza e o frescor da sua inocência.

“Meu pai está esperando o senhor?”, perguntou com tremenda curiosidade o toco de gente.

“O senhor veio almoçar com meu pai? O senhor gosta de santo também? Meu pai vive pintando e lixando uma porção de santinhos!”, ele puxava a mão reticente do visitante para o gramado bem cuidado.

“Olá, João Carlos”, disse Brito, estendendo a mão para um cumprimento cordial e civilizado.

“Dez anos”, olhares foram compartilhados. Emoções foram revividas no estalo do toque físico das mãos.

“Pois é. Dez anos!”, comentou João, de cabeça baixa. “Você está ótimo!”, os olhos não se atreviam a encarar o amigo por muito tempo.

“Pai, convida o homem bonito para entrar!”, a ansiedade em saber maiores informações sobre o forasteiro inesperado inquietava o pequeno Carlos.

“Nossa, como o senhor cheira bem! Ah, já sei. É *azáro*, não é?”, disse o peralta, arrancando risos esbugalhados dos adultos ainda tímidos, enquanto Brito expunha a pronúncia correta da maravilhosa essência masculina que ele também usava.

“Você ainda guarda o *nosso* vinho?”, uma ternura conflitante permeava as palavras de João, que não conseguia sustentar o olhar diante do seu amor perdido.

* * *

Brito, Carlos e João sentaram-se à mesa.

Cora trouxera a travessa de barro, onde brotos de feijão e diversos legumes colhidos da horta caseira, devidamente picados e misturados com os temperos misteriosos da experiente cozinheira, inebriavam os sentidos, estimulando o paladar.

Brito convidou Cora para se juntar a eles.

“Preciso aproveitar a terra úmida para plantar as... hortênsias”, ela respondeu, contrariada com o pedido inusitado.

Apesar do convite sincero, Brito sabia que Cora nunca se sentava à mesa na presença de estranhos. Para ela, aquele João era considerado um Ninguém. O passado enterrara a intimidade.

Brito entendeu a deixa e não ousou discutir com a amiga.

Chovera um pouco durante a madrugada. As águas do céu purificaram a terra abençoada num dia perfeito para semear, segundo Cora.

Ela havia preparado um pouco de terra misturada com suas “magias” na tarde anterior. Em seu ritual, havia a hora perfeita para plantar e a hora exata para colher.

Quarta é o melhor dia para se plantar algo que desejamos que dure por longo tempo. Em todos os sentidos.

Mas não eram hortênsias as escolhidas para a lida daquele começo de tarde. Na verdade, Cora não queria participar do almoço ao lado de João Carlos. Ela conhecia toda história. A revolta era concreta.

“Eles precisam resolver de uma vez por todas o que ficou pendente”, ela meditou, esperançosa. Dessa vez, Cora preferiu ficar bem distante do passado negrume do patrão.

O pequeno Carlos deliciava-se com os tomates cortados em grandes pedaços, além de brincar com os suculentos brotos de feijão, criando cavernas e labirintos na metade agora vazia do seu prato.

Ordens primárias não foram necessárias. A criança pressentia que precisava deixar os adultos sozinhos. Pegou com as mãozinhas gorduchas mais dois pedaços do peixe grelhado e sumiu da presença dos homens inquietos, correndo para os fundos da casa a fim de ajudar Cora a finalizar o preparo da terra sagrada.

As canções e os mantras entoados pela divina cozinheira e seu ajudante mirim eram ouvidos pelos ex-amantes.

“Aquela velha maluca continua com suas ‘mandingas’?”, João questionou com o tradicional sarcasmo.

“Se vamos continuar nosso diálogo com suas antigas agressões adolescentes, é melhor pararmos por aqui”, Brito comentou com firmeza, porém mantendo a serenidade, levantando-se sem olhar para João, levando o guardanapo à boca.

“Você sabe que Cora tem o dom da magia natural”, continuou Brito, caminhando até a silenciosa varanda.

“Com suas ervas e ‘mandingas’ ela já o curou de muitas ‘enfermidades’, você não se recorda mais?”, Brito soltou o corpo numa das poltronas espalhadas no local repleto de peças religiosas trabalhadas em madeiras e cerâmicas, muito bem organizadas.

“Desculpe-me. Eu não quero estragar o nosso encontro”, disse João, encabulado, enquanto sentava-se ao lado do amigo, ajeitando sua perna machucada para não incomodar sua concentração.

A luz ofuscante do começo da tarde refletia o verde intenso do gramado. A pausa entre os dois torturava os pensamentos de João.

“Seu filho está cada dia mais bonito”, João procurava reiniciar o diálogo.

“É a sua versão em miniatura, em todos os detalhes”.

“Ele tem o seu olhar”, disse Brito, ruborizando, sem encarar diretamente o antigo namorado.

Milagrosamente, um beija-flor chamara sua atenção. Uma lágrima nasceu debaixo do seu olho esquerdo.

“Eu sei o motivo que o trouxe até aqui”, a voz de Brito saía num sussurro, após longos minutos de incômodo silêncio.

“Dez anos passam rápido demais”, Brito estava emocionado.

“Dez anos, doze, vinte, não importa. Hoje é o nosso aniversário”, disse João. Sua mão buscava o calor do amor antigo. Brito não permitiu o toque em sua propriedade.

João afastou a mão direita. Levantou-se da poltrona de vime, ajoelhando-se com dificuldade diante de Brito. Olhar mareado, segurou-lhe as pernas. O toque nas coxas do amado, onde pelos dourados e uma pele macia em outros tempos eram acariciados com suas mãos fortes depois do sexo bem demorado, fizeram João perder o controle.

Ele chorou. Chorou feito uma criança contrariada. Brito tocou-lhe os cabelos negros e sedosos. Sentiu o perfume que exalava daquele corpo que fora tão amado, até idolatrado, no passado juvenil.

“Olhe para mim”, disse Brito com a tranquilidade que lhe era característica.

“Você foi muito importante na minha vida. Foi o primeiro em tudo. Só que não há mais nada que possa sustentar nossa relação. Pelo menos não do jeito que você imagina uma relação”, Brito acarinhou as faces trêmulas do amigo.

João escutava a voz suave que tanto lhe excitava. Seus olhos inchados encobriam a beleza do seu olhar ébano. A boca tremia em busca de desculpas que a razão não queria proferir.

A frase de Brito fora desferida com segurança e precisão cirúrgicas. João perdera seu anjo devido à sua imaturidade. A confiança, uma vez abalada, é rara de ser recuperada por completo. Ele acabava de confirmar isso.

“Houve amor entre nós”, continuou Brito, os olhos azuis embaçados induziam a um beijo que não seria consumado.

“Mas não havia companheirismo. Você me traiu, João. Em todos, todos os sentidos. Você mentiu para mim em uma centena de ocasiões. Desde o princípio. Coisas foram escondidas, omitidas. Situações embaraçosas com sua família poderiam ter sido evitadas. Você mantinha aquele medo paranoico sobre expor o que vivíamos. É o tipo de situação que, sinceramente, eu não posso permitir que aconteça outra vez. Não sou mais o ingênuo e o submisso que eu costumava ser.”

Instintivamente, ambos se aprumaram na cerâmica fria que emanava fluidos apaziguadores. Um hábito antigo. Podiam ouvir Cora e Carlos gargalhando ao fundo. Brito sabia que Cora faria qualquer coisa para entreter o pequeno curioso. Ela sabia que a história deveria ser consumada. O ponto final de uma realidade que ainda não havia chegado ao fim.

“Você me perdoa?”, disse João, em prantos, acariciando o joelho dolorido.

“Não há o que perdoar”, Brito tocou em algumas gotículas que brilhavam na testa do antigo amante. O carinho fraternal era sincero.

“Você deve aprender com seus erros e fraquezas. Jamais se faça de vítima. Não deixe de ser uma criança crescida, mas não reaja a todo instante como uma criança mimada. Corra atrás de cumprir seu destino e atingir a felicidade!”, disse Brito, com energia.

“Você já me esqueceu?”, era a pergunta da esperança feita por João.

“Não é uma questão de ‘esquecer’”, arrematou Brito, abraçando o Passado.

“O que ocorreu entre nós foi vivido intensamente. Eu não guardo mágoas, Jonny. A tristeza já foi curada. Aprendi a amar a mim-eu-mesmo e isso, no tempo exato, me fez encontrar um amor-complemento por pura afinidade e merecimento. Sendo assim, hoje posso afirmar que aquelas feridas estão muito bem cicatrizadas.”

Os corpos finalmente uniram-se na emoção do momento, formando um ronronar profundo durante o abraço bem concentrado.

Brito confortava o amigo. João sentia-se derrotado, mesmo tendo compreendido a mensagem. Os amigos se separaram pela iniciativa de Brito. As mãos permaneceram unidas.

“Você acha que devo te esquecer. Em definitivo?”, João estava visivelmente abalado.

Brito inspirou o ar úmido de uma tarde abafada. A pele branca coberta de sardas ganhou um belo tom rosado.

“Novamente, a questão não é esquecer ou não esquecer. O que passamos juntos não pode ser apagado. Simplesmente aconteceu. Éramos jovens e inconsequentes. Tudo era uma explosão de cores e experimentações. A questão é que eu cresci e realizei meus sonhos, concretizando minhas metas. E você permaneceu aprisionado na Terra do Nada, sem ações concretas que poderiam beneficiar sua existência, além de viver cercado de teorias sem sentido e de lembranças carregadas de um egoísmo muito enraizado!”, Brito estava quase sem ar por liberar tudo em uma só tacada, porém satisfeito pela coragem de expor algo que guardara por tantos anos.

João acariciava as mãos do amigo. A vergonha, unida à sua timidez, impedia que seus olhos encarassem o seu antigo grande amor.

“Hoje estou muito bem e sou muito, muito feliz com a pessoa que escolhi para compartilhar a mesma trilha sonora. Temos o nosso filho para cuidar e educar. O filho que você desprezou ao saber de sua existência”, Brito levantou-se e caminhou em arrastos pelo amplo espaço terracota.

“Você sumiu da minha vida quando Amanda faleceu. Apatetados, eu e a mãe dela criamos o menino aos trancos e barrancos!”, disse Brito, cobrindo o rosto para não revelar os traços de uma entalada revolta.

“Perdoa-me”, disse João, ainda sentado no piso frio. O Recife se levantou, ficando de frente para o amor paulistano, encostando seu corpo delgado em um dos pilares de madeira que sustentavam a casa de tijolos aparentes.

“Não precisa me pedir perdão por nada, João. Como eu já deixei claro, eu cresci muito com essa experiência. Evolui através dos meus próprios erros e acertos. Foi tudo muito, muito difícil. Exigiu-me anos de sacrifícios, onde a todo instante eu temia esmorecer no fim do caminho. Mas, eu venci. Poxa, quantas vezes eu não fui obrigado a tomar atitudes solitárias? E você jamais esteve ao meu lado para apoiar as minhas decisões!”

O portão foi aberto. João Vitor entrou assobiando, feliz por ter deixado o trabalho mais cedo naquela tarde convidativa para um bom mergulho.

João Vitor e Brito trocaram um beijo bem provocante. Brito apresentou seu marido para João Carlos, mas sem confirmar que a ilustre visita era o tal que o havia abandonado dez anos atrás, na época do nascimento do seu único filho.

“Onde está meu pimpolho?”, perguntou João Vitor, sentando no piso frio, cruzando as longas pernas empapadas em suor que criavam diversos pontos molhados no *jeans* bem ajustado, enquanto abria os botões da camisa social azul, livrando-se do fino tecido amarrotado o mais rápido possível.

Brito e João voltaram a sentar no piso que parecia magnético; os três formando um triângulo místico bem no centro da varanda.

“Ele está com Cora lá nos fundos”, Brito segurou a mão de João Vitor, que entrelaçou o braço do companheiro. O casal trocou olhares de amor e cumplicidade.

João sentiu-se constrangido diante da demonstração intensa de companheirismo, além de avaliar a beleza do torso nu do marido de Brito, invejando seus traços sedutores.

“Cara, não fique assim, tão borocoxô!”, disse João Vitor para João Carlos.

“Você também é gay... ou, pelo menos, é tolerante, não é mesmo?”, o típico cinismo entre iguais embasava a questão.

“Olha, não sei o que estava acontecendo entre vocês. E não quero atrapalhar a conversa”, mais um beijo fora trocado entre o casal.

“Brito, você quer permanecer a sós com seu amigo?”, disse João Vitor, ameaçando levantar os músculos fatigados, divertindo-se com o desconforto demonstrado pelo outro João.

“Não é preciso, Vida. Não há o que esconder. João Carlos foi meu caso antes de você e eu nos conhecermos”, Brito segurou com firmeza a mão de João Vitor, impedindo que ele se levantasse.

Enquanto Brito falava, os olhos do seu marido permaneceram fixos no concorrente derrotado. João Vitor ficou em silêncio, sem vontade de julgar os atos alheios. Ele sabia alguns detalhes da história do abandono do pequeno Carlos. Cessou as brincadeiras e respeitou o momento entre Brito e seu convidado.

“Como você pode ver, João, estamos realizados. Posso te garantir que somos uma família muito bem estruturada. Eu gostaria que você, confirmando que estou bem agora, procurasse usar com positividade o que captou em nosso encontro. Use o exemplo da minha felicidade para alcançar sua tão necessária paz de espírito”, Brito não escondeu o triunfo que sentia.

Todos ficaram meditativos por algum tempo. Olhares foram perdidos na imensidão do jardim impecável, uma bonita tradição em boa parte das casas da ilha.

João Vitor tocou o ombro do outro João, dizendo-lhe:

“Olha. Se quer um conselho... mude suas atitudes perante a existência, meu caro. E no momento certo, por pura afinidade, você vai atrair alguém especial para complementar o seu caminho. Basta manter-se atento, de coração livre e pensamentos corretos. Basta se tornar um cara produtivo!”, eles trocaram um abraço.

João chorava, sinceramente arrependido das suas falhas. Ele agradeceu a chance de ter presenciado o amor real entre dois homens que se respeitam. Sentiu que estava prestes a ganhar uma linda oportunidade para recomeçar.

Brito enlaçou os corpos dos homens da sua vida. Sentir o João do passado e o João do presente juntos e em harmonia proporcionaram-lhe sensações de extremo alívio e aceitação.

A fase das grandes incertezas chegava ao fim.

Carlos surgiu de mansinho, intrigado com a cena presenciada. Correu para os braços dos pais, beijando-os freneticamente. O pequeno pedaço de terra e lama rolava pelo piso frio. Aprisionado no centro de uma chuva de cócegas, as gargalhadas infantis ecoavam por todos os recantos da casa.

Três homens cobriram o corpo do garoto com travessuras inocentes proporcionadas a seis mãos. A felicidade é infantil. Um momento compartilhado com muito amor.

“Vá direto para o chuveiro, seu porquinho”, disse João Vitor, dando um tapa de leve no traseiro do filho amado.

“Você está imundo!”, retrucou Brito, enquanto limpava suas mãos da aromatizada terra santa adquirida da roupa do filho.

Carlos se levantou, esfregando os olhos com as costas das mãos para limpar as lágrimas da folia. O porquinho assumido beijou os dois pais na boca, sendo que o primeiro a ganhar o selinho foi Brito, o pai biológico; depois João Vitor, o pai emotivo.

“Você não está se esquecendo de nada?”, disse João Vitor, agarrando a camisa do pequeno, simulando um ar de falsa reprovação.

“Dê um beijo no seu novo amigo: Tio João Chorão!”

O ex-amante não esperava uma aceitação tão imediata naquela harmoniosa família. Julgara erroneamente que seria a última vez em que veria seu anjo loiro e o garotinho outrora tão desprezado.

O beijo foi depositado em sua abalada face esquerda.

Macio, delicado, adocicado.

João abraçou o pequeno Carlos e ordenou que a criança fosse direto para o banho, entre sorrisos, soluços e lágrimas misturados na agitação de sentimentos não mais reprimidos.

O serelepe, sorrindo e pulando e mostrando língua e dentes através de caretas medonhas, sumiu no espaçoso corredor que levava aos três quartos da iluminada residência. Os adultos voltaram a consumir o necessário silêncio.

Ouviram o som do jato de água. E uma voz infantil a cantarolar os enigmáticos mantras aprendidos com Cora.

“Bom, eu preciso ir embora. Ainda tenho coisas para resolver em Registro”, disse João Carlos, enquanto desmontava sua tosca posição de ioga, voltando a ficar em pé, um tanto fora de eixos. Seus movimentos foram acompanhados em sincronia pelo casal anfitrião.

Seguiram para o portão de madeira ricamente entalhado, atravessando o gramado bem aparado da casa acolhedora.

“Por favor, não perca o contato. Não desapareça mais uma vez”, disse Brito com tremenda sinceridade, abraçando o amigo com carinho.

“Obrigado pela terceira chance”, sussurrou João no ouvido do seu anjo.

“Prometo que vou melhorar como pessoa. Dizem que muitas coisas mudam após os quarenta e quatro, não é mesmo?”, o abraço deu lugar a um forte aperto de mãos.

“Você vai encontrar alguém, João Carlos. Mas só quando você parar de fugir de si mesmo”, o novo amigo puxava o não rival para um caloroso e fraternal abraço, isento de ciúmes ou ressentimentos.

“Pois todo tipo de união acontece naturalmente quando menos se espera, meu caro, desde que você permaneça atento, livre, sereno”, ensinou João Vitor, com honestidade.

João Carlos entrou no carro. Deu a partida. Riu com o engasgo do motor. Colocou o cinto de segurança. Aprumou as costas. Despediu-se do casal com um sorriso não mais derrotado.

“Cara, apareça outras vezes... para tomar um vinho com a gente!”, gritou João Vitor, sem necessidade, pois o Fiat produzia pouco ruído no motor de baixa cilindrada.

“Espero que seja de uma safra com, pelo menos, doze anos de maturação”, João Carlos sorriu para Brito, piscando de um jeito todo travesso.

“Dez anos, Jonny. Dez anos!”, retrucou Brito, com um brilho especial no olhar.

O Idea ganhou o rumo registro e perdeu-se na estrada de areia.

João Vitor abraçou Brito como a lhe proteger das labaredas do cansaço emocional. Buscando o conforto em um dominante abraço, ambos caminharam pela grama fofa, trocando carícias e confidências.

Após o prazer de um banho a dois e da degustação de um revigorante vinho australiano, João Vitor e Brito fizeram amor no final daquela tarde, aproveitando que Cora levara o pequeno Carlos para construir novos castelos na tranquila praia do balneário Urso Branco.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**